

LABORO - EXCELÊNCIA EM PÓS-GRADUAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR

HÉLIO MARINHO DE SOUZA NETO
JOSÉ RIBAMAR PORTELA E SILVA
ROGERIO FERREIRA OLIVEIRA

**A PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO NO CURSO DE HISTÓRIA:
ENTRE O REAL E O IDEAL NA PRÁTICA PEDAGÓGICA UNIVERSITÁRIA**

São Luís
2009

**HÉLIO MARINHO DE SOUZA NETO
JOSÉ RIBAMAR PORTELA E SILVA
ROGERIO FERREIRA OLIVEIRA**

**A PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO NO CURSO DE HISTÓRIA:
ENTRE O REAL E O IDEAL NA PRÁTICA PEDAGÓGICA UNIVERSITÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior do LABORO – Excelência em Pós-Graduação/Universidade Estácio de Sá, para obtenção do título de Especialista em Docência do Ensino Superior.

Orientadora: Profa. Doutora Mônica Elinor Alves Gama

São Luís

2009

**HÉLIO MARINHO DE SOUZANETO
JOSÉ RIBAMAR PORTELA E SILVA
ROGERIO FERREIRA OLIVEIRA**

**A PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO NO CURSO DE HISTÓRIA:
ENTRE O REAL E O IDEAL NA PRÁTICA PEDAGÓGICA UNIVERSITÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior do LABORO – Excelência em Pós-Graduação/Universidade Estácio de Sá, para obtenção do título de Especialista em Docência do Ensino Superior.

Aprovado em / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Mônica Elinor Alves Gama (Orientadora)

Doutora em Medicina

Universidade de São Paulo - USP

Profa. Árina Santos Ribeiro

Mestre em Saúde e Ambiente

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

*A Deus, Pai Criador e fonte inspiradora,
responsável pela realização desse estudo.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua presença em nossas vidas.

Aos nossos familiares, pela compreensão e incentivos dispensados no transcorrer dessa trajetória.

As Professoras Conceição Moura, Dourivan, Giselle Venâncio e Mônica Elinor, que em momentos alternados contribuíram direta e indiretamente para a concretização desse Trabalho.

Aos Professores do Departamento do Curso de História da UFMA, de forma especial: Manoel de Jesus, Antonia Mota e Josenildo.

Aos alunos do Curso de História, entrevistados, pela disponibilidade que tiveram em contribuir nessa pesquisa.

Se buscamos uma cidadania emancipada, capaz de projeto próprio de desenvolvimento, ou se buscamos garantir aos marginalizados condições equânimes de luta, o instrumento mais decisivo, hoje, é a habilidade de manejar e produzir conhecimento

Pedro Demo

RESUMO

Abordagem qualitativa sobre a percepção da pesquisa como princípio educativo dentro de uma Instituição de Ensino Superior (IES), desenvolvida a partir da elaboração de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, e questionários abertos e fechados direcionados aos docentes e discentes do referido curso. Foram entrevistadas 4 pessoas, sendo 3 discentes e 1 docente do curso durante o período de Novembro de 2008. Os homens perfizeram 75% da pesquisa, na faixa etária de 20 a 30 anos, que ingressaram no curso mediante vestibular tradicional, tendo como ocupação predominante o serviço público e empresas privadas. Todos afirmaram que antes de ingressar no curso de História, não tiveram contato com a prática da pesquisa e mesmo como discente do curso continuaram não sendo estimulados a não sendo estimulados a utilizar a pesquisa como prática acadêmica. Constata-se que ouvindo os principais envolvidos no processo de construção do conhecimento do curso é de fundamental relevância para identificar suas adversidades e assim procurar supera-las.

1. Palavras-chave: Pesquisa. 2. Ensino superior. 3. História. Título.

ABSTRACT

Qualitative approach on the perception of research as an educational principle within a Higher Education Institution (HEI) developed from the development of structured interviews and semi-structured and open and closed questionnaires targeted to teachers and students of the course. 4 people were interviewed, and 3 students and 1 teacher of the course during the period of November 2008. Men represented 75% of the survey, aged 20 to 30 years, who entered the course through vestibular traditional, with the predominant occupation of public service and private companies. All said that before joining the course of history, had no contact with the practice of research and as a student of the course is still not encouraged to not being encouraged to use the research as academic practice. It appears that the main listening involved in building the knowledge of the course is of fundamental relevance to identify their adversities and so look beyond them.

1. Keywords: Research. 2. Higher education. 3. History. Title.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A TRAJETÓRIA DA PESQUISA NA BUSCA PELO CONHECIMENTO.	13
2.1	O Ensino no Brasil.....	14
2.2	Ensino e Pesquisa na Universidade.....	15
2.3	A Pesquisa como Princípio Educativo no Curso de História da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.....	17
3	METODOLOGIA.....	20
4	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	21
4.1	Tabulação Questionários/Alunos.....	23
4.2	Visão do Aluno.....	26
4.3	Visão do Professor.....	31
5	CONCLUSÃO.....	35
	APÊNDICES.....	37
	ANEXOS.....	47
	REFERÊNCIA.....	50

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa como princípio educativo tem suscitado um intenso debate no panorama nacional, em foros educacionais e nas produções literárias, o que provocou então a elaboração desse trabalho que objetiva estudar como está sendo trabalhada a percepção de pesquisa no ensino do Curso de História de uma Instituição de Ensino Superior – IES, em São Luís do Maranhão.

A pesquisa deve ser entendida como um processo que permita com que o aluno-pesquisador avance no questionamento sobre a realidade que o cerca, criando assim condições para interpretá-la e transformá-la. Mas como fazer isso concretamente? Os professores de nossas instituições devem procurar colocar em prática o conceito de uma pedagogia comprometida com o estímulo à curiosidade e à capacidade analítica, interpretativa e reflexiva dos estudantes, por meio de alguns projetos de incentivo à pesquisa. Estas experiências foram desenvolvidas por docentes que sentiram a necessidade de investir numa dimensão transformadora da educação e tentaram criar condições de aprendizagem para todos os alunos, procurando garantir que a sala de aula fosse um espaço de reflexão e crescimento para docentes e alunos de todas as séries da graduação.

Em relação à pesquisa Freire (2003), afirma: “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino (...). Pesquiso porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. Assim, esta “sociedade do conhecimento”, citado por Behrens (2005), necessita de uma prática pedagógica que ultrapasse a repetição do conhecimento e uma visão mecanicista do ensino e da aprendizagem. Ainda segundo Behrens, o professor nessa fase tradicional apresenta um conteúdo pronto e acabado e o aluno caracteriza-se por ser receptivo e passivo e cumpridor de tarefas. Para Masseto (2005), a aprendizagem universitária pressupõe, por parte do aluno, aquisição e domínio e um conjunto de conhecimentos, métodos e técnicas científicas de forma crítica. Ainda nesta linha de uma educação inovadora, Demo (2005) mostra que quem não pesquisa apenas reproduz ou apenas escuta e que a pesquisa faz parte de todo um processo emancipatório, no qual se constrói um sujeito histórico auto-suficiente, crítico e autocrítico, participante, capaz de reagir contra a situação de objeto e de não cultivar os outros como objeto.

Para tanto, Demo (1996) defende a necessidade de fazer da pesquisa uma atitude cotidiana no professor e no aluno. Segundo ele, a pesquisa deve ser entendida como um processo social que perpassa toda a vida acadêmica e penetra na medula de professor e do aluno. Stenhouse (1986) acrescenta que o ensino mais eficaz é baseado em pesquisa e descoberta. Para ele, os professores devem valorizar em sala de aula o prazer de viver a aventura do conhecimento investigativo. Assim como os teóricos citados, acreditamos na importância de estimular a formação de espaços de reflexão em sala de aula engajando os estudantes no ambiente da pesquisa ao longo de toda a duração da graduação. Para Gomes (2002), é fundamental: a desmistificação da idéia equivocada de que tal procedimento (a pesquisa) esteja reservado aos intelectuais acadêmicos os quais passaram pelos programas de pós-graduação e legitimando, assim, o status de pesquisadores, mestres ou doutores.

Gomes (2002) analisa que o profissional reflexivo representa aquele que livre das amarras do tecnicismo, reflete, critica e interpreta as situações a sua volta e o seu desempenho com intuito de desenvolver novas práticas e ações profissionais. Qual seria a melhor forma de o professor encorajar e desenvolver esta capacidade de reflexão entre os alunos de todas as áreas do conhecimento, garantindo que o ambiente da sala de aula seja um espaço de construção do conhecimento? Segundo Demo (1998), o bom professor é o que ensina os alunos a problematizarem. Para isso, é necessário que o docente estabeleça práticas de ensino que fomentem a discussão reflexiva e privilegiem a busca de argumentos em sala de aula, incentivando a autonomia e a confiança dos estudantes. Um dos caminhos naturais para incentivar a reflexão em sala de aula é através da pesquisa.

Alves (2005) mostra-nos historicamente que o Ratio Studiorum, o *modus italicus*, o *parisiensis*, o “ensinar tudo a todos” de Comenius, responderam as expectativas de seu momento histórico, mas hoje está lançado o desafio do redirecionamento para formação acadêmica para atender as necessidades da atualidade. Ainda apresentando a relevância e pertinência acadêmica do tema, Horn (2006), situa a pesquisa em sua significação prática, enquanto instrumento didático-pedagógico e como prática cotidiana de intervenção na realidade.

O Decreto nº 2.306 de 1997, publicado no Diário Oficial da União nº 159, de 20 de agosto de 1997, caracteriza as Universidades pela indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão, com isso se objetiva estudar as concepções de pesquisa (institucional,

prática educativa) efetivadas no curso de História, a partir destas abordagens que defendem esta linha de trabalho pedagógico, assim como a caracterização socioeconômica e educacional dos sujeitos da pesquisa.

Essa pesquisa tem como base duas motivações principais: a experiência que se teve com a pesquisa na graduação que ficou restrita à monografia e as leituras que se fez (Demo, Castanho, Masseto, Marli André, etc) que estimularam a pesquisar o tema a partir de um novo paradigma.

No que se refere a relevância social deste estudo pode-se destacar três pontos relevantes: ele chama a atenção para importância do estudo da prática da pesquisa na graduação; se tem o propósito de oferecer uma contribuição para o curso de História da UFMA, que está passando por uma reforma curricular e por último, entende-se que o relato das condições de produção dessa pesquisa (obstáculos, dificuldades, desafios, etc) pode servir de referência para o estudo da pesquisa nos cursos de especialização.

Assim, o tema foi escolhido pelo interesse do grupo em estudar como a construção dos saberes históricos está sendo executada no curso de História de uma IES, como também suas conexões com a sociedade local, já que a pesquisa como princípio educativo está em foco de diversas discussões acadêmicas.

O trabalho tem o objetivo de estudar as percepções de pesquisa como princípio educativo no Curso de História de uma instituição pública de ensino superior. Optamos pela utilização do método denominado estudo de caso com características qualitativas e quantitativas. Assim o estudo de caso pode ser caracterizado:

Como um método de pesquisa empírica que conduz a uma análise compreensiva de uma unidade social significativa. Análise compreensiva, pois o significado que os sujeitos pesquisados atribuem as suas vidas aos fenômenos e as relações sociais são um dos centros de atenção do pesquisador [...] centrar-se na unidade social significativa implica realizar uma pesquisa intensiva em que o investigado é percebido em sua amplitude e em sua profundidade (MEKSENAS, 2000).

A escolha desse método foi motivada não só pelas características específicas do objeto, mas também pelas características que são próprias do método como, por exemplo: a sua flexibilidade e sua praticidade.

2 A TRAJETÓRIA DA PESQUISA NA BUSCA PELO CONHECIMENTO

Com Heródoto de Halicarnasso, século V a.C., e a sua obra História, têm o início da investigação e da pesquisa em busca pela informação, pelo conhecimento, separando-se em definitivo da proposta já cristalizada do mito, do modelo universal, do épico já trabalhado por Homero e demais seguidores.

Este distanciamento dos filósofos gregos em relação às questões provocadas pelos homens, atuando dentro de um pensamento anti-histórico, será contraposto, segundo Reis (2000), por Heródoto através da formulação de que o historiador deverá acompanhar os homens em suas mudanças e realizar sua descrição e análise através da pesquisa, que resultará na informação sobre o vivido, tornando-o conhecível, é o tempo histórico e o conhecimento novo firmando-se criteriosamente.

A construção deste conhecimento é necessária para que haja uma orientação na sua montagem, em seus passos investigativos, pois assim temos ainda na Antiguidade Clássica a intervenção de Tucídides (460 a 396a.C), na busca do método e da utilidade do conhecimento proporcionado pela História.

Nesta linha temporal do processo de construção do conhecimento na área de História, temos na fase antiga e medieval da historiografia cristã, segundo Tétart (2000, p. 33): “Ela se caracteriza por uma ausência inegável de independência e de curiosidade intelectual [...] O universo mental cristão confina o espaço no qual se move a História [...] a História serve para auxiliar e edificar a teologia e a liturgia voltadas para a veneração ao divino”.

Mesmo nesta fase de atrelamento aos princípios dogmatizadores da Igreja Cristã, a pesquisa, a organização documental e a difusão do conhecimento são levadas a efeito pelos produtores de conhecimento daquele tempo histórico.

O avanço da construção do conhecimento histórico firma-se a partir da Idade Moderna, onde ocorre à profissionalização do ofício do historiador, do estabelecimento de estatutos metodológicos, torna-se matéria curricular em Universidades e em escolas, também vira objeto de tendências quanto a enfoques e abordagens (política, metódica, positivista, social, cultural, marxista). Porém, a sistemática de construção continua situando a pesquisa como

princípio norteador da elaboração do conhecimento. Segundo Horn (2006, p.84): “Se, por um lado, o conhecer histórico significa entender as transformações sociais provocadas pela intervenção humana na natureza, pela atividade política pensada como um todo em oposição à visão compartimentada, por outro lado, isto só é possível através de um procedimento metodológico que conceba a história como uma construção”.

Sem dúvidas que esta construção na sociedade da atualidade, onde o avanço científico e tecnológico são os elementos impulsionadores da superação, a pesquisa assume um caráter fundamental nas transformações promovidas pelas ações humanas. Assim Horn (2006, p.93) diz:

A realidade não se transforma mecanicamente em ciência e tecnologia, ela não se desvenda na superfície, isto é, não a conhecemos pelas aparências e nem mesmo nossos esquemas explicativos conseguem dar conta de todos os seus aspectos. Se a realidade não se esgota nunca, e se não é possível explicá-la totalmente, o que, por outro lado, justifica a pesquisa como instrumento essencial para as novas descobertas, de novos campos de investigação. (Horn 2006., p. 84).

2.1 Ensino no Brasil

As discussões sobre a complexidade da educação no Brasil já se tornaram um lugar comum, as divergências e as concordâncias sobre as tendências que deveriam ser incorporadas no interior das universidades e escolas.

Em uma linha histórica e de acordo com Ghiraldelli Júnior (2008, p. 24): “A educação escolar no período colonial teve três fase distintas: a de predomínio dos jesuítas; a das reformas do Marquês de Pombal; e a do período em que D. João VI, então rei de Portugal, trouxe a Côrte para o Brasil (1808-1821)”.

Durante a da fase do Primeiro Reinado, D. Pedro I incluiu um tópico para educação e adotou então o método lancasteriano de ensino, onde os alunos mais qualificados ajudavam aqueles que ainda não detinha conhecimentos consolidados na leitura e na escrita.

Outras reformas se processaram ao longo do Segundo Reinado, escolas primárias, secundárias e as de ensino superior, São Paulo e Olinda com cursos jurídicos e na Bahia e no Rio de Janeiro com medicina.

A linha positivista foi marcante neste período, além disso, podemos ressaltar o Decreto

Imperial 7.247 que dava liberdade de ensino primário e secundário para aqueles que se julgassem qualificados para empreender a implantação de escolas e promover assim o ensino. No período Republicano, com Benjamin Constant reformas surgiram, tipo: currículo, mais enciclopédico, divisão do ensino primário, exigência de diploma para lecionar nas escolas públicas e tornou o ensino leigo, livre e gratuito e o positivismo de Auguste Comte ainda era predominante como método de ensino e aprendizagem.

No período Getulista, temos diversos momentos e movimentos com a respeito à educação a implantada através do governo federal. O ideário liberal, o ideário católico, ideário integralista e o comunista foram panos de fundo para as discussões travadas para promover “a melhor” linha pedagógica a ser conduzida pelo governo federal. Com o término do Estado Novo, em 1945, discussões e embates serão travados em torno da LDB, questões político-partidárias, pensamentos diversificados em torno das linhas pedagógicas existentes permeiam o cenário nacional.

No período de 1950 até o governo militar, podemos ressaltar a importância do ideário freiriano, como elemento de inclusão educacional e discussão de propostas tanto para a população como para governo federal. No governo dos militares temos aí desastrosas medidas tomadas por este governo de exceção. Temos medidas de contenção para acesso ao ensino universitário, que se tornou elitizado.

Caminhos longos e difíceis a se processaram, até chegarmos à implantação da última LDB, já na fase de governos democráticos.

2. 2 Ensino e pesquisa na universidade

Várias são as avaliações sobre a Universidade no Brasil, como se percebe nos referenciais bibliográficos, mas tomando por base o art. 43 da LDB 9.394/96, inciso III – incentivar o trabalho da pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura e, desse modo, desenvolver o entendimento dos homens e do meio em que vivem.

Assim, o condicionante legal está estabelecido para que a universidade exerça de fato e de direito o papel de proporcionar em seus cursos a indissociabilidade ensino-pesquisa como

princípio metodológico.

A respeito da pesquisa como princípio educativo:

O professor – especialmente, aqueles que atuam em nível universitário – dever ser, obrigatoriamente, um pesquisador? A resposta é negativa, se entendemos o termo pesquisador em seu sentido mais radical, absoluto. Se, por um lado, é legítimo esperar que o professor universitário seja um pesquisador, por outro lado, também dever haver lugar na universidade para pessoas que gostem de ensinar, que tenham paixão pela docência, mas que não se consideram talhadas para a pesquisa. No entanto, deve ser cobrada dessas mesmas pessoas a atualização constante nas disciplinas que lecionem. Em outros termos, se não se trata de um pesquisador, que seja um consumidor de pesquisa. Se essa qualidade não for exigida, teremos forçosamente um dador de aulas, um repetidor de informações que se superam cada vez com maior rapidez. (Balzan, 2007, p.117).

Ainda com base em referências que apontam a pesquisa como elemento indispensável na construção do conhecimento, não nos referimos à pesquisa institucional, mas enfoca-se os a construção dentro sala de aula, motivada pela prática do professor, que possibilitará o efetivo envolvimento do aluno com o novo a ser elaborado ou reelaborado.

Com isso tem-se em Freire (2003, p.47) “É preciso insistir: este saber é necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser aprendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser - ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido”.

A questão da pesquisa como proposta metodológica, precisa também contextualizar a formação do professor, pois exige de sua parte maior envolvimento com práticas pedagógicas que darão suporte ao seu posicionamento mais flexível para que possa incentivar a produção de uma forma individual ou coletivamente. Garrido; Anastasiou (2005, p,198) colocam que “Para a pesquisa da sala de aula, é necessário um posicionamento de abertura, flexibilidades e coragem no enfrentamento de nossa ação profissional: trata-se de uma ação profissional, do profissional professor, e não apenas de uma profissional de outra área que ocupa uma sala de aula na universidade e fica diante de um grupo de alunos repassando o conhecimento existente”.

Na temática proposta pelo trabalho sobre a pesquisa como instrumento de construção, temos encontrado nas referências a indicação ampla de que se faz necessário esta postura assim como também desenvolver nos programas curriculares de cada curso ratificação desse

mecanismo que possibilita aos alunos da área de licenciatura e de bacharelado, construírem para si e para seus alunos uma postura inovadora, crítica e reflexiva sob o ponto de vista da produção acadêmica.

Coloca Marli André (2006. p, 21): “A proposta de que os cursos programas de formação de professores utilizem uma metodologia investigativa apóia-se numa perspectiva ao mesmo tempo pedagógica e epistemológica. [...] Assim, o sujeito aprende quando ele se envolve ativamente no processo de produção de conhecimento através da mobilização das suas atividades mentais e da interação com o outro, mediada pela linguagem”.

Sabendo-se que o conhecimento na sua construção não nos é dado ou localizado já acabado, precisando construí-lo e o viés da pesquisa como processo educativo da pesquisa reforça-se esta linha em discussão:

Entendendo que o conhecimento é uma busca permanente, admitimos que ele é prático, pois se dá graças à experiência prática do sujeito que nela se relaciona permanentemente com o objeto. [...] Por fim, entendemos que o conhecimento é histórico, construído pelos homens através dos tempos, em uma luta incessante pela apreensão do objeto. (Alves. 2008, p. 75-76).

2.3 A Pesquisa como Princípio Educativo no Curso de História da Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Temos que esclarecer que presente estudo não se ocupa da discussão acerca de como a pesquisa é tratada conforme a LDB em sua regulamentação (que trata a pesquisa ligada à produção institucional, que gera dissertações de mestrado e teses de doutorado); aqui trata-se de pesquisa voltada às práticas e percepções de pesquisa como princípio educativo no curso de História da UFMA.

Durante a fase Getulista (a partir de 1930), surge a Universidade de São Paulo (USP) e entre outros direcionamentos está à utilização da pesquisa por parte dos seus alunos e não formar somente profissionais técnicos com as pesquisas realizadas no exterior. Assim, constata-se que:

Pesquisa é o processo que deve aparecer em todo o trajeto educativo, como princípio educativo que é, na base de qualquer proposta emancipatória. Se educar é, sobretudo motivar a criatividade do próprio educando, para que surja o novo mestre, jamais o discípulo, a atitude de pesquisa é parte intrínseca. Pesquisar toma aí contornos muitos próprios e desafiadores, a começar pelo reconhecimento de que o melhor saber é aquele que sabe superar-se. (Demo, 2005. p, 16-17).

Universidade Federal do Maranhão (2009) tem sua origem na antiga Faculdade de Filosofia de São Luís do Maranhão, fundada em 1953, por iniciativa da Academia Maranhense de Letras, da Fundação Paulo Ramos e da Arquidiocese de São Luís. Embora inicialmente sua mantenedora fosse aquela Fundação, por força da Lei Estadual n.º 1.976 de 31/12/59 dela se desligou e, posteriormente, passou a integrar a Sociedade Maranhense de Cultura Superior- SOMACS, que fora criada em 29/01/56 com a finalidade de promover o desenvolvimento da cultura do Estado, inclusive criar uma Universidade Católica.

A Universidade então criada, fundada pela SOMACS em 18/01/58 e reconhecida como Universidade livre pela União em 22/06/61, através do Decreto n.º 50.832, denominou-se Universidade do Maranhão, sem a especificação de católica no seu nome, congregando a Faculdade de Filosofia, a Escola de Enfermagem 'São Francisco de Assis' (1948), a Escola de Serviço Social (1953) e a Faculdade de Ciências Médicas (1958). Posteriormente, o então Arcebispo de São Luís e Chanceler da Universidade, acolhendo sugestão do Ministério da Educação e Cultura, propõe ao Governo Federal a criação de uma Fundação oficial que passasse a manter a Universidade do Maranhão, agregando ainda a Faculdade de Direito (1945), a Escola de Farmácia e Odontologia (1945) - instituições isoladas federais e a Faculdade de Ciências Econômicas (1965) - instituição isolada particular.

Assim foi instituída, pelo Governo Federal, nos termos da Lei n.º 5.152, de 21/10/66 (alterada pelo Decreto Lei n.º 921, de 10/10/69 e pela Lei n.º 5.928, de 29/10/73), a Fundação Universidade do Maranhão – FUM, com a finalidade de implantar progressivamente a Universidade.

A administração da Fundação Universidade do Maranhão ficou a cargo de um Conselho Diretor, composto de seis membros titulares e dois suplentes, nomeados pelo Presidente da República, que entre si elegeram seu primeiro Presidente e Vice-Presidente.

Sobre o Curso de História da Universidade Federal do Maranhão, tem-se as modalidades de Bacharelado e Licenciatura Plena, Reconhecido pelo Decreto n.º 39.663, de 28/07/56, o ingresso mediante prestação de vestibular, realizado semestralmente. Regime de matrícula semestral, utilizando como sistema de integralização curricular por crédito. Tendo como regime e turno de funcionamento parcial à tarde. O número mínimo de créditos é de 142

horas/aula. Perfaz a totalidade de 2.295 horas/aula, tem a duração máxima de Curso em 14 semestres, o currículo pleno foi aprovado pela Resolução nº15/88 CONSUN.

De acordo com as diretrizes curriculares do curso de história, o profissional dessa área terá o seguinte perfil: “o graduado deverá estar capacitado ao exercício do trabalho de Historiador, em todas as suas dimensões, o que supõe pleno domínio da natureza do conhecimento histórico e das práticas essenciais de sua produção e difusão. [...] uma vez que a formação do profissional de História se fundamenta no exercício da pesquisa”. Dentre as competências e habilidades definidas para o curso está a de desenvolver a pesquisa, a produção do conhecimento e sua difusão não só no âmbito acadêmico, mas também em instituições de ensino, em órgãos de preservação de documentos e no desenvolvimento de políticas e projetos de gestão do patrimônio cultural.

Com isso fica claro que a postura do docente no curso de História deverá estar alicerçada em construção do conhecimento como diz Fonseca (2006): “a lógica fundante do saber histórico em sala de aula é a explicação do real. Ora, se o objetivo da disciplina é formar, educar, explicando, reconstituindo e buscando compreender o real, podemos afirmar que a lógica da prática docente é fundamentalmente construtivista. Isso implica uma busca permanente de superação do mero reprodutivismo”.

Nesta discussão sobre a atuação dos professores e a real participação dos alunos na construção do conhecimento, observa-se de acordo com posição de Silva (2003. p, 83): “Enquanto graduados em história têm dificuldades para se assumirem como historiadores, muitos historiadores que lecionam em universidades não se vêem como professores”. Essas linhas de dúvidas serão localizadas em falas dos entrevistados, o que provoca ainda mais a pertinência da pesquisa efetuada no Curso de História da Universidade Federal do Maranhão.

Certamente o trabalho desenvolve-se na trilha da construção conhecimento via a pesquisa como princípio educativo e na análise desta prática no curso em referência. A larga exposição de autores sobre abordagem de construção passe-se pelo envolvimento no aluno na criação de saberes em atitudes de cotidiano e não apenas nos trabalhos institucionalizados. Assim mais uma vez recorre-se a:

Sobretudo, pesquisa é a definição crucial do professor. Aula será, cada vez mais, expressão circunstancial, secundária, complementar. O professor que não constrói conhecimento, como atitude cotidiana, nunca foi. A mera transmissão de conhecimento, mesmo sendo necessidade essencial da sociedade, não precisa de professor, nem de escola, e muito menos de universidade. [...] Assim, futuramente professor e pesquisador serão indissolavelmente sinônimos. Quem pesquisa teria o que transmitir. Quem não pesquisa, sequer para transmitir serve, pois não vai além da cópia, reduzindo os alunos, inapelavelmente, a meras cópias, objetos de aprendizagem subalternas. (Demo, 2004. p. 34).

3 METODOLOGIA

No que se refere à metodologia, pode-se iniciar afirmando, que essa pesquisa possui uma perspectiva fortemente marcada pela abordagem qualitativa.

A abordagem qualitativa tem se afirmado como uma promissora possibilidade de investigação nas pesquisas realizadas na área educacional. Uma pesquisa realizada a partir desta abordagem caracteriza-se pelo enfoque interpretativo. Uma análise qualitativa da realidade é essencialmente, uma análise hermenêutica, que busca identificar e caracterizar o “significado” que as pessoas e grupos dão para sua ação e para a realidade. Por observar os acontecimentos no seu próprio meio natural essa abordagem, também é chamada de pesquisa “naturalística” (André, 1995, p.17).

Dentre os diversos tipos de pesquisa qualitativa encontra-se o “estudo de caso“, que é a abordagem que vamos utilizar nessa pesquisa. A escolha do estudo de caso foi motivada por duas razões muito importantes: (a) pelas características do nosso objeto de pesquisa/dos objetivos que pretendemos atingir; (b) e pelas próprias características do método qualitativo, como por exemplo, a sua flexibilidade, sua praticidade e sua originalidade.

O estudo de caso se caracteriza por ser uma análise compreensiva de uma unidade social significativa (Meksenas, 2002, p.118). Nas pesquisas desenvolvidas através desta abordagem, cada caso escolhido por ser significativo e representativo de muitos outros casos, que podem ser usados no estudo de uma realidade específica. Para essa perspectiva cada pesquisa é única, podendo ou não ser comparada com outros casos semelhantes, sendo também difícil se fazer generalizações.

Definidos os métodos de abordagem, é necessário destacar-se, os métodos de procedimentos que se usa nessa pesquisa.

Para dar suporte prático ao método, utilizam-se como técnicas de coleta de dados os seguintes instrumentos: a pesquisa documental e bibliográfica, que inclui o levantamento da produção científica dos professores na plataforma Lattes pela internet. O questionário misto (composto por questões abertas e fechadas) e a entrevista dirigida e semidirigida.

É importante destacar-se aqui, o fato de necessitar-se fazer um perfil sócio-econômico e educacional dos informantes, o que justifica o uso do questionário, não tira o caráter qualitativo desta pesquisa.

Em relação aos sujeitos da pesquisa, têm-se como informantes principais, os professores e os estudantes do curso. O critério de escolha para realizar as entrevistas foi sempre a indicação sugerida pelos informantes.

Quanto ao local de realização da pesquisa, a mesma se realizou nas instalações de uma instituição pública de ensino superior.

O processo de pesquisa ocorreu em duas etapas consecutivas e interrelacionadas que foram executadas da seguinte forma: na primeira etapa foi feita a observação sistemática, o levantamento das informações e documentos necessários para o conhecimento da realidade estudada. Foi realizada também a coleta de dados através dos questionários e entrevistas; e na segunda etapa utilizou-se a seleção dos dados, a sistematização e análise dos dados coletados no campo. Em uma terceira etapa será feita a organização, sistematização e produção do texto final da pesquisa.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A Análise de dados é de fundamental importância para se estabelecer conclusões em relação ao nosso trabalho. É lógico que para isso ocorre à necessidade de um embasamento teórico bem estruturado re-estudando os conhecimentos que norteiam a nossa pesquisa.

Esta prática esta inteiramente ligada à interpretação de dados, pois ela permite dentro da pesquisa qualitativa um olhar mais aguçado sobre suas especificidades. Porém deve-se tomar muito cuidado para que o pesquisador não enxergue conclusões num primeiro momento, mesmo que conheça profundamente o tema em questão.

Também o pesquisador não pode se envolver diretamente nos métodos e nas técnicas de pesquisa a ponto de esquecer os significados dos dados da pesquisa. O nosso trabalho teve a preocupação de afastar as conclusões precipitadas que surgem a partir de dados concretos com conhecimentos mais amplos e mais abstratos com isso esperamos evitar um distanciamento entre a fundamentação teórica e a prática da pesquisa.

Dentro da fase de análise determina-se como finalidade principal compreender os dados coletados através de questionários direcionados aos alunos e dos professores do curso, além da realização de entrevistas com os mesmos. De acordo com as suas respostas tenta-se responder às questões formuladas nos objetivos da pesquisa, ampliando o conhecimento do referido assunto articulando ao contexto cultural da qual faz parte.

Prioriza-se como base no trabalho de campo, o estabelecimento de uma categoria a ser analisada, no caso a pesquisa como princípio educativo no curso de historia de uma instituição de ensino superior.

Utiliza-se também a técnica da análise de conteúdo com o propósito de encontrar respostas para as questões formuladas nos questionários e entrevistas aplicados.

Emprega-se como base de apoio, o trabalho de Minayo (2004) que na sua obra “Interpretação qualitativa de dados o método hermenêutico – dialético”, desenvolve um raciocínio onde os atores sociais são situados em seu contexto para serem melhor compreendidos.

4. 1 Tabulação questionários/ alunos

TABELA 1:
Descrição do perfil demográfico e da formação profissional dos 3 alunos entrevistados

VARIÁVEL	PARÂMETRO	f	%
Sexo	Masculino	3	100
	Feminino	-	-
Idade	De 20 a 25 anos	1	33,
	De 25 à 30 anos	2	66,
	De 30 à 40 anos	-	-
	Mais de 40 anos	-	-
Estado Civil	Solteiro	2	66,
	Casado	1	33,
Naturalidade	Maranhense	3	100
	Outros Estados	-	-
Etnia	Branca	2	66,
	Parda	-	33,
	Negra	1	-
	Indígena	-	-

TABELA 2
Descrição das atividades profissionais e remuneração salarial dos 3 alunos entrevistados

VARIÁVEL	PARÂMETRO	f	%
Hiato entre o ensino médio e a graduação	Até 2 anos	2	66,
	De 3 a 4 anos	1	33,
	De 7 a 10 anos	-	-
	Mais de 10 anos	-	-
Trabalhando	Sim	2	66,
	Não	1	33,
Renda Salarial	De 01 a 02 salários mínimos	-	-
	De 02 a 03 salários mínimos	-	-
	De 03 a 04 salários mínimos	2	66,
	De 04 a 05 salários mínimos	-	-
	Mais de 05 salários mínimos	-	-
Local de Trabalho	Serviço Público	1	33,
	Empresa Privada	1	33,
	Empresa Mista	-	-
	Terceiro Setor	-	-

TABELA 3
 Descrição do perfil educacional e da participação nas atividades ligadas ao curso dos 3 alunos entrevistados

VARIÁVEL	PARÂMETRO	f	%
Escolaridade (Onde fez o ensino médio)	Todo em escola pública	1	33,
	Parte em escola pública e parte em escola particular	1	33,
	Todo em escola particular	1	33,
Modalidade de ingresso no curso	Vestibular Tradicional	3	100,
	PSG	-	-
	Sistema de Cotas	-	-
Modalidade de curso que estava matriculado	Bacharelado	1	33,
	Licenciatura	2	66,
Participação nas atividades ligadas ao curso	Sim	3	100,
	Não	-	-
Participação em atividades científicas e representativas no curso	Monitoria	-	-
	Extensão	-	-
	DA	3	100,
	DCE	-	-
	Grupo de pesquisa	-	-
	Programas de iniciação científica	-	-

TABELA 4
 Descrição dos relatos dos 3 alunos entrevistados de suas relações com a pesquisa

ITEM/QUESTÃO	RESPOSTA	f	%
O fato da licenciatura e do Bacharelado ser trabalhados juntos contribuiu para sua formação?	SIM	1	33,
	NÃO	2	66,
O curso contribuiu para?	O entendimento do sistema de ensino	1	33,
	O conhecimento das dificuldades existentes no cotidiano da prática pedagógica	1	33,
	O conhecimento das diversas tendências teóricas da Historiografia	1	33,
	O domínio das técnicas e procedimentos de pesquisa	-	-
Antes de ingressar no curso de História, você teve contato com a prática de pesquisa?	SIM	-	-
	NÃO	3	100,
Como discente do curso de História, você foi estimulado a utilizar a pesquisa como prática acadêmica	SIM	-	-
	NÃO	3	100,

Para isso traçamos dentre do questionário, perguntas que expressam a conjuntura sócio-econômica e política do qual fazem parte os grupos sociais a serem estudados.

A Análise dos dados do questionário referente aos alunos nos permitiu chegarmos a algumas conclusões dentre as quais: O fato de que hoje a maioria dos estudantes do curso de história são homens, que possuem entre 23 a 28 anos que trabalham fora do mercado de trabalho em história como pesquisador ou professor e que possuem uma renda acima de três salários mínimos. Participaram ativamente do movimento estudantil do curso e de encontros relacionados a área, além de acreditarem que o trabalho em conjunto realizado entre o curso de licenciatura e bacharelado não contribuem para uma grande qualificação.

Percebemos que os alunos não tiveram contato com a prática da pesquisa antes de ingressar no curso de história e principalmente na prática acadêmica.

4.2 Visão do aluno

O trabalho é tem por base teórica dois eixos norteadores, o primeiro é a tese da Pesquisa como Principio Educativo do renomado autor Pedro Demo. De acordo com a sua análise, a pesquisa deve ser utilizada como um principio científico, ou seja, como um procedimento para se fazer ciência. Ela deve ser definida como função emancipadora da educação auxiliando na formação de um cidadão com espírito crítico para ele o modelo instrucionista que é aplicado nas instituições do ensino superior não estimula a criatividade do pesquisador e segundo eixo, é a tese defendida por Sérgio Castanho o Ensino com Pesquisa na Graduação.

Com o propósito de manter o respeito a integridade dos entrevistados, utiliza-se como forma de identificação a nomenclatura A, B, C e D para os alunos e para a professora entrevista.

Partindo dessa premissa, percebemos que a pesquisa no curso vem sendo trabalhada de forma dissociada onde os professores estão dando prioridade ao ensino através de métodos tradicionais como a utilização de aulas expositivas sem a presença de recursos áudios-visuais como pode ser constatado pelo aluno A ao afirmar que:

“O cotidiano das aulas é feito a partir dos textos que são passados nas aulas expositivas, pedaços de livros, você tem um contato maior com os livros na apresentação de seminários , quando o tema não é repartido entre os integrantes do grupo , utilizam ainda a prova escrita, variando de Professor para Professor”.

A preservação da pesquisa é praticada em momentos isolados como nas disciplinas de Métodos e técnicas de pesquisa em História, no Estágio curricular do curso de Bacharelado e na conclusão dos trabalhos monográficos, porém percebe-se que segundo os alunos, esses momentos não são suficientes como pode-se ver nas opiniões dos alunos; A, B e C ao afirmarem respectivamente que:

“Não foram suficientes, pois a prática foi realizada de uma maneira errada, pois não havia orientação correta para se trabalhar com ela”.

“Pode melhorar desde que seja feita de forma interligada, apoiada pela instituição”.

“Para o aluno-pesquisador não, pois forma somente professores através de levantamento bibliográfico”.

Para os alunos falta ajuda das instituições para elaboração de um trabalho interligado para que seja mais bem aproveitado. Percebemos pela visão dos alunos que geralmente são os professores que isoladamente realizam pesquisas para melhorar o seu próprio currículo não compartilhando com os seus alunos, a possibilidade de realizarem suas próprias pesquisas como podemos comprovar na opinião do entrevistado C que afirma:

“Alguns professores, a grande maioria só orienta a realização de trabalhos monográficos, o que dificulta também é a falta de incentivo através de bolsas”.

Embora se saiba que os resultados dessas pesquisas podem transformar a sociedade a qual estão inseridos, mas infelizmente isto não vem ocorrendo, na medida em que as produções atuais do curso segundo os entrevistados estão ficando guardadas nas bibliotecas setoriais do curso de história.

Entende-se que a teoria está sendo aplicada na forma do ensino, porém a prática vem deixando a desejar, pois os alunos reclamam da necessidade dos momentos da pesquisa a serem realizados desde o início do curso e não nos últimos períodos como ocorre atualmente segundo a afirmação do aluno entrevistado A ao relatar que:

“A pesquisa no curso é muito falha, ocorre apenas no fim do curso, deveria ser realizada desde o início do curso, para que no final do curso o aluno pudesse estimular a pesquisa”.

Torna-se público e notório que ultimamente o governo federal não vem priorizando as ciências humanas como alvo da distribuição de bolsas de iniciação científica, o que vem reforçar o atual estado de sucateamento que as universidades públicas vem passando e

conseqüentemente a não realização de pesquisas nesta área do conhecimento. Este cenário ocorre no momento em que vivemos numa sociedade onde a pesquisa é utilizada como estratégia de acumulação de capital, ou seja, como fonte de mais valia. Demo (2000). Detectamos pela visão dos alunos que muitos professores do curso de história, parecem não conhecer as tendências pedagógicas, e, portanto resistem para aplicarem em suas aulas, isto contribuiu para que a aprendizagem do aluno seja comprometida, pois o professor criativo, não é aquele que ensina baseado apenas na sua graduação, mas sim aquele estimula o aluno ao desafio, ao teste, a duvida e, sobretudo que aplica em sala de aula os resultados de suas próprias pesquisas. Demo (2000). Com isso ele evita a reprodução do conhecimento sem finalidade para a aprendizagem. Essa imagem é reforçada pela visão da Profª. D ao afirmar em entrevista:

“Tendências pedagógicas? Quais são as Tendências pedagógicas? Talvez a construtivista onde o aluno construa o conhecimento”.

Identifica-se nos alunos uma carência muito forte na elaboração de um conceito sobre pesquisa, o que reforça a idéia de que a formação do aluno-pesquisador no curso de história ainda vai demorar a que se torne um hábito. Podemos comprovar isso nas declarações dos alunos; C, A e B ao afirmarem respectivamente que:

“A pesquisa é válida para a sociedade como forma de transformação, não para ser guardada, mas devem reescrever a História do Maranhão, mesmo tendo professores que seguem correntes diferentes”.

“A pesquisa é um elemento fundamental para o aluno, pois é o alicerce para a elaboração do seu trabalho como profissional”.

“A pesquisa é a busca pela resposta de um questionamento inicial”.

Ao serem perguntados sobre o conhecimento do currículo do curso, todos foram unânimes de que ele deveria ser alterado, mais percebemos que os alunos não têm conhecimento sobre o seu próprio tempo histórico, ou seja, eles sabem que deve ser reestruturado, mas não sabem como fazê-lo isso é perfeitamente entendível, pois sabemos que as ciências sociais priorizam a teoria em detrimento da prática no que tange ao currículo, pois

ele forma um especialista em generalidades produzindo cientistas bons de discussão e crítica. Demo (2000).

A estrutura de funcionamento do curso foi um elemento bastante criticado pelos alunos principalmente pela defasagem de sua biblioteca, pois sabemos que a pesquisa depende de uma leitura farta para dominar posturas explicativas escolhendo a mais aceitável e a partir desta elaborando a sua própria comprovando suas hipóteses iniciais que podem ser tanto positivas quanto negativas.

As estratégias de avaliação realizadas pelos professores no curso não vem atendendo aos alunos em relação a sua própria aprendizagem, na medida em que elas também não estimulam a pesquisa sendo praticadas de forma apenas instrucionista.

Todos sabem que ela é a realimentação do processo de produção científica.

A participação pequena de alunos em grupos de pesquisa não colabora para buscarem a sua emancipação enquanto pesquisadores, pois não é permitido a eles por desconhecimento ou até falta de interesse assumir o comando deste processo.

Acreditamos assim como Castanho que a pesquisa pode ser desenvolvida em todos os níveis de ensino, contrariando a visão do MEC que preconiza que a pesquisa só pode ser desenvolvida nas universidades. Desde que trabalhando na indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão Castanho (2005).

A busca por uma pesquisa que promova uma educação de qualidade é defendida pelos alunos que desejam romper com a atual conjuntura que defendem uma pesquisa institucionalizada.

Sendo a aprendizagem o foco principal do ensino com pesquisa, percebemos que os alunos do curso apontam a necessidade de se melhoram as condições para que os alunos possam desenvolver os seus trabalhos, para que as discussões teóricas sejam levadas para a sociedade numa perspectiva de transformá-la. Isso só vai ser possível se eles próprios operem dados pesquisados que respondam aos anseios da própria sociedade.

Verifica-se que mesmo com a melhoria na formação dos professores do curso de história, com a entrada de muitos no mestrado e doutorado, a pesquisa não vem sendo utilizada como prática de ensino, na visão do aluno entrevistado A ao afirmar que:

“A pratica da pesquisa como ensino foi muito comprometida devida termos um, a base fraca em Teorias da História e também devido ao enfraquecimento de leituras anteriores”.

Atualmente existe em relação ao curso de História uma dicotomia envolvendo seus professores, na mediada em que segundo os alunos do curso alguns os orientam a seguirem uma carreira acadêmica e outros da área pedagógica que os orientem a serem professores de sala de aula.

O atual aluno do curso de História sofre com o principal desafio da graduação que é o de inserir definitivamente a pesquisa como componente curricular indissociável do ensino, Castanho (2005).

Esses alunos tiveram uma graduação que reflete a tendência da maioria das instituições de ensino superior que formam indivíduos sem pesquisa como em 90% delas em todo o país, através de dados do MEC, Castanho (2005).

Acredita-se assim, como os alunos que foram entrevistados, que a formação no curso de história, não os vem preparando bem para o mercado de trabalho visto que a pesquisa não recebe espaço dentro de sua qualificação.

Percebe-se que os alunos do curso de história chegam cheios de idealismos, devido à afinidade com o curso, mas posteriormente se decepcionam com as expectativas profissionais após o término do curso, pois afirmar que o mercado está saturado e que não existe espaço para todos. Por sua formação deficitária como podemos comprovar com a opinião do aluno C;

“Deveria ocorrer mudanças na concepção do curso, os conteúdos são trabalhados de forma diferente do que no Ensino Médio, a educação é precária, o que gera um mercado restrito onde, na escola particular o salário é inferior, além de termos que agradar ao público e na escola pública ocorre falta de recursos”.

Afirma-se que a relação professor/aluno é imprescindível no desenvolvimento de uma pesquisa que funcione como um elemento educativo e que auxilie de forma competente na formação de cidadãos participativos politicamente na sociedade.

4.3 Visão do professor

Apenas 1 professor do curso de história foi entrevistado, sendo 5 com linha de pesquisa. Atualmente reforça-se a tendência defendida por Demo (2000) de que não deve existir separação entre ensino e pesquisa, todos afirmam que em todo o momento a relação é primordial, pois ela evita que ocorra a simples reprodução do conhecimento como a grande maioria das instituições pratica.

No atual momento do curso de história, a montagem do curso de Especialização obedeceu a essa nova vertente e o critério utilizado foi feito pelos próprios professores que lecionam disciplinas ligadas a suas próprias linhas de pesquisa.

Identifica-se a necessidade em ligarmos teoria e prática na medida em que a pesquisa se processa através de instituições de fomento a pesquisa que permitem o incentivo ao desenvolvimento de trabalhos nessa área do conhecimento.

Porém em no curso a professora afirma que as condições não são das melhores, pois as verbas em relação a pesquisa são cada vez menores , além da própria professora afirmar que não estão preparados para adquirirem recursos dessas mesmas instituições como podemos verificar na opinião da Profª D que afirma:

“Devemos nos qualificar para buscarmos recursos através de pesquisas para as instituições de fomento a pesquisa tais como a CAPES e o CNPq, diferente de outros cursos e centros que já possuem até Mestrados implantados por terem essa habilidade de conseguir recursos”.

A pesquisa, na visão da professora, tem como objetivo mostrar para a sociedade, informações que ela desconhece, esse trabalho seria resultado de pesquisas de campo e extensão de áreas que ainda precisam ser pesquisadas. Mesmo sabendo que a remuneração financeira não seja suficiente, pois é válida mais para a perspectiva profissional.

O curso atualmente conta com a presença de cinco grupos de pesquisa, dentre eles:

- Cultura e colonialismo: África, Brasil e Maranhão no mundo atlântico; Séc.XVII e XXI, cujo líder é o professor Dr. Josenildo Pereira.
- Religião e História, cujo líder é o professor Dr. Lyndon Araújo.
- Família, cultura material e sociabilidades, tendo como líder à professora Dr^a Antonia Mota e como pesquisadora a professora Dr^a Maria da Glória.
- Relações de gênero, memória e identidade tendo como líder a professora Dr^a Maria da Glória.
- Sociedade, memória e poder tendo como líder a professora Dr^a Regina Faria.

Quadro 1
Descrição dos professores do curso que realizam pesquisas

Professor (a)	Pesquisa	Instituição	Tipo	Alunos sem bolsa	Universidade de Origem
Josenildo Pereira	Cultura e colonialismo: África, Brasil e Maranhão no mundo atlântico; Séc.XVII e XXI	UFMA UEMA	Graduação	3	USP (Doutorado)
Lyndon Araújo.	Religião e História	UFMA UEMA	Graduação e Pós Graduação	5	UNESP (Doutorado)
Maria da Glória	Relações de gênero, memória e identidade.	UFMA	Graduação	11	UFF (Doutorado)
Regina Faria	Sociedade, memória e poder.	UFMA	Graduação	4	UFPE (Doutorado)
Antonia Mota	Família, cultura material e sociabilidades.	UFMA	Graduação	5	UFPE (Doutorado)

Fonte: Plataforma Lattes.

Para a docente do curso a aprendizagem deve ocorrer através da busca pelo conhecimento, e isso deve ser feito na busca de conhecermos a realidade que nos cerca,

evitando assim a realização de um ensino livresco, que prejudica a aprendizagem, pois não são utilizados recursos áudios-visuais que podem estimular no aluno o poder da leitura e da escrita, além da utilização de textos de fácil compreensão, filmes, além da organização de eventos acadêmicos facilitando assim a didática para os alunos.

Foi identificada pela professora como os principais problemas do curso, a princípio, a quantidade pequena de docentes que o Departamento de História possui hoje o que para eles compromete de forma significativa o seu trabalho na medida em que ocorre um acúmulo de funções, some-se a isso o pouco incentivo a elaboração de trabalhos pelos alunos, além da presença de uma biblioteca defasada em relação a ausência de livros não atualizados, além disso foi citado a falta de recursos para que se tragam professores de outras instituições para que se possa estabelecer um intercâmbio com o que está sendo produzido em outros centros.

Percebe-se que a professora do curso possui dificuldades em explicar quais as tendências pedagógicas que orientam o seu trabalho, fato que contribui sobremaneira para uma formação precária que os alunos vêm recebendo, pois somente o uso de textos (xerox), além da ausência de recursos áudios-visuais prejudica o bom andamento das aulas, causando até mesmo surpresa em relação aos docentes pela qualidade de alguns trabalhos monográficos e pesquisas mesmo diante de tantas adversidades.

Em relação à avaliação, a professora utiliza como métodos; provas escritas, participação dos alunos nas aulas, produções escritas (artigos, resenhas, trabalhos), onde o aluno é avaliado durante todas as etapas do processo, desde que mantenha um número significativo de presença em sala de aula.

Percebe-se que ao analisarmos a Plataforma Lattes que a maioria dos professores do Departamento de História trabalha a pesquisa de forma institucionalizada, ou seja, visam a sua qualificação em nível de Mestrado e Doutorado. Eles não fazem parte de grupos de pesquisa, nem orientam alunos em pesquisas de iniciação científica, como podemos verificar na tabela abaixo:

Quadro 2

Descrição dos professores do curso que realizam pesquisa institucional

Professor (a)	Pesquisa	Instituição	Tipo	Alunos sem bolsa	Universidade de origem
Wagner Cabral	-	UFMA	-	-	Unicamp (Mestrado)
Manoel de Jesus	-	UFMA	-	-	UFPE (Mestrado)
Washington Tourinho	-	UFMA	-	-	UFMA (Mestrado)
Marize de Campos	-Mulheres na sociedade e Economia do Brasil Colônia e Império	USP	-	-	USP (Doutorado-Estudante)
Flávio Soares	-	UFMA	-	-	UFPE (Mestrado)

Fonte: Plataforma Lattes

O professor de nível superior geralmente é o único que realiza a pesquisa, pois no nível básico ela não existe. No campo da pós-graduação o trabalho na UFMA é recente e, portanto ainda não podemos definir ainda os efeitos para a melhoria no curso.

Enfim define-se que para atingirmos um padrão de excelência na pesquisa como princípio educativo tem que permitir que todos os envolvidos tenham que ser ouvidos para a melhoria do trabalho a ser desenvolvido.

5 CONCLUSÃO

O ideal de pesquisa na Universidade está associado a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Essa perspectiva, principalmente, em relação à pesquisa tem um caráter oficial e institucional, não correspondendo em muitos aspectos o que ocorre na realidade concreta da Universidade.

Em nosso estudo esse paradoxo entre o real e o ideal aparece de maneira muito evidente nos discursos dos alunos e da professora por nós entrevistados.

No cotidiano da pesquisa percebemos gradativamente como as condições materiais do curso por nós estudado, não ofereciam meios para que a prática da pesquisa pudesse ser desenvolvida com o mínimo de qualidade.

As dificuldades que se encontrou no campo e as limitações de tempo que se teve para a realização desta pesquisa dão a essas conclusões um caráter provisório e deixam o indicativo da necessidade de se dar continuidade a essa pesquisa em outro momento (Mestrado e ou Doutorado).

O aspecto pioneiro desse estudo e as características típicas do estudo de caso impedem de se fazer qualquer generalização ou conclusão final, sem antes termos dados comparativos de outras pesquisas.

Diante das limitações encontradas na produção desta pesquisa, como por exemplo: uma melhor orientação em relação à metodologia adequada para esses objetivos, um acompanhamento mais efetivo nas etapas da pesquisa e a quantidade de dados levantados pelos questionários. O objetivo de traçar um perfil sócio-econômico e educacional dos sujeitos da pesquisa não foi atingido completamente. Embora os dados que se conseguiu levantar com esse instrumento possam oferecer alguns indicativos importantes para a essa reflexão.

As questões dirigidas aos alunos no questionário, como indica a tabela 4, reforçam uma percepção em relação à pesquisa que é evidente também nas entrevistas. No questionário quando foi perguntado para os alunos se antes de ingressarem no curso tiveram algum contato

com a pesquisa e se a mesma foi estimulada na prática acadêmica, a maioria dos alunos afirmou que não houve qualquer contato ou estímulo à pesquisa durante o curso. Esse mesmo ponto de vista é confirmado na entrevista com o aluno.

De acordo com Demo (2000) não pode separação entre ensino e pesquisa, pois, o professor deve ter a pesquisa como princípio orientador de toda sua atividade pedagógica. Atingindo, assim, uma aprendizagem mais completa e capaz de transformar o aluno não apenas em um copião ou reproduzidor do conhecimento, mas em um verdadeiro produtor e inovador do conhecimento, através da pesquisa crítica e contínua. Para Castanho (2005) o ensino na graduação deve ser realizado, essencialmente, com a presença da pesquisa contrariando a visão do Decreto nº 2.306/97 (BRASIL, 1997) que afirma que a pesquisa deve-se realizar somente na pós-graduação.

Outro aspecto que se evidencia no relato dos alunos entrevistados, são as precárias condições de funcionamento do curso em relação aos suportes materiais para o exercício da pesquisa.

Quanto à questão curricular, percebe-se que os alunos entrevistados são unânimes em afirmar a necessidade de mudanças no currículo do curso para que ocorra uma atualização condizente com os atuais paradigmas dominantes no campo da teoria da História.

No que diz respeito à formação pedagógica, nota-se um desconhecimento significativo acerca das tendências teóricas que orientam a prática pedagógica. Esse desconhecimento é compartilhado tanto pela professora entrevistada como pelos alunos. Os mesmos não conseguem fazer uma distinção clara entre as tendências pedagógicas e as tendências teóricas da História.

Com base nos dados obtidos pela análise da posição dos professores do curso de História na Plataforma Lattes, verifica-se a existência de 5 grupos de pesquisa que incorporam alguns alunos da graduação, porém observa-se a presença de alguns professores que realizam apenas a pesquisa institucionalizada, não estendendo a mesma ao cotidiano de sala de aula.

APÊNDICES

APÊNDICE A

LABORO: Excelência em Pós-Graduação
Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Orientador (a): Profa. Doutora Mônica Elinor Gama
E-mail: mgama@elo.com.br

Pesquisadores

HÉLIO MARINHO
JOSÉ RIBAMAR PORTELA E SILVA
ROGÉRIO FERREIRA OLIVEIRA

A PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO NO CURSO DE HISTÓRIA:
ENTRE O REAL E O IDEAL NA PRÁTICA PEDAGÓGICA UNIVERSITÁRIA.

Prezado (a) Sr.(a), estamos realizando uma pesquisa sobre a utilização da Pesquisa como princípio educativo dentro do Curso de História da Universidade Federal do Maranhão a partir de seus respectivos alunos. Para isso, precisamos fazer algumas perguntas para o (a) Sr.(a) que ajudarão a conhecer melhor a estrutura de funcionamento do Curso em relação a seus graduandos e permitirão que se planejem ações específicas, voltadas para a prática da pesquisa dessa comunidade acadêmica. A sua participação não terá nenhum custo e não haverá nada que afete o seu desempenho acadêmico. Não terá nenhum problema se o (a) Sr.(a) quiser se retirar da pesquisa. O (a) Sr.(a) poderá deixar de responder a qualquer pergunta que possa causar constrangimento. Agradecemos muito a sua colaboração.

Eu, _____, concordo em participar na pesquisa acima mencionada. Fui esclarecido (a) e entendi as explicações que me foram dadas; darei informações sobre a utilização da Pesquisa como princípio educativo no Curso de História da Universidade Federal do Maranhão. Durante o desenvolvimento da pesquisa, poderei tirar qualquer dúvida. Não haverá nenhum risco ou desconforto. Poderei desistir de continuar na pesquisa a qualquer momento. Não serão divulgados os meus dados de identificação pessoal. Não haverá nenhum custo decorrente dessa participação na pesquisa.

São Luís-Ma, _____ de agosto de 2008

Assinatura e carimbo do
Pesquisador responsável

Assinatura do participante
ou Responsável

APÊNDICE B

LABORO: Excelência em Pós-Graduação
Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSOR

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:**1.1 – Sexo:**

Masc. ()

Fem. ()

1.2 - Sobre sua titulação, especifique em que área nos níveis abaixo relacionados.

- Sua especialização: _____
- Seu Mestrado: _____
- Seu Doutorado: _____
- Obs: _____

1.3 – Idade:

Até 24 anos ()

de 25 a 34 anos ()

de 35 a 44 anos ()

de 45 a 54 anos ()

de 55 a 60 anos ()

1.4 - Estado Civil:

Solteiro ()

Casado(a) ()

Divorciado(a) ()

Outros: _____

1.5 – Naturalidade:

Natural da cidade: _____

Estado: _____

1. 6 – Grupo Étnico que pertence:

Branco ()

Negro ()

Amarelo ()

Indígena ()

1. 7 – Renda/Condição Financeira:

2 a 3 Salários Mínimos ()

3 a 4 Salários Mínimos ()

4 a 5 Salários Mínimos ()

5 a 6 Salários Mínimos ()

6 a 7 Salários Mínimos ()

7 a 8 Salários Mínimos ()

8 a 9 Salários Mínimos ()

9 a 10 Salários Mínimos ()

+ de 10 Salários Mínimos ()

1. 8 - Vínculo Empregatício com a Instituição:

Professor(a) Assistente ()

Professor(a) Adjunto(a) ()

Professor(a) Associado(a) ()

1. 9 – Carga Horária dedicada a atividade docente:

20 horas ()

40 horas ()

Dedicação exclusiva ()**1. 10 – Atividades exercidas fora da sala de aula ou representativas:**

Coordenação ()

Chefia de Departamento ()

Tutoria ()

Extensão ()

Grupo de Pesquisa ()

Participa de entidades representativas da categoria () Qual? _____

Participa de Conselhos ou Coordenações Regionais e/ou Nacionais de entidades ligadas a atividade de pesquisa ou da História () Qual? _____

2. – INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS SOBRE A ATIVIDADE DOCENTE:**2. 1 – Quais as disciplinas que você ensina no Curso?****Disciplinas:** _____**Período(s):** _____**2. 2 – Você participou da elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso:**

Sim ()

Não ()

2. 3 – Se a questão anterior for positiva: de que forma você participou?

2. 4 – Se a questão for negativa: você tem conhecimento do conteúdo do PPP?

Sim ()

Não ()

2. 5 – Quando tempo após o término da graduação você ingressou na pós-graduação:

Até 2 anos ()

de 3 a 6 anos ()

de 7 a 10 anos ()

+ de 10 anos ()

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES

SOBRE O CURSO DE HISTÓRIA:

- I. Quais os motivos que influenciaram na sua escolha do curso de História como uma atividade profissional?
- II. Como sua formação interferiu na sua prática pedagógica?
- III. Quais são suas expectativas profissionais em relação ao curso de História?
- IV. O que você considera como principal problema do curso de História hoje?
- V. Em sua opinião: Como estão sendo formados os futuros bacharéis e licenciados em História?
- VI. O que poderia ser feito para melhorar a estrutura, tanto da pesquisa, como do ensino no curso de História?

SOBRE O ENSINO NO CURSO DE HISTÓRIA:

- I. Quais as estratégias de ensino e aprendizagem que você utiliza na sala de aula?
- II. Qual tendência pedagógica orienta sua prática de ensino no curso de História?
- III. Na sua prática pedagógica como se dá a relação entre ensino e pesquisa?
- IV. Como você costuma avaliar seus alunos? (Especificar as estratégias de avaliação)

SOBRE A PESQUISA NO CURSO DE HISTÓRIA:

- I. O que você entende por pesquisa?
- II. Em sua opinião: De que maneira a pesquisa no curso de História consegue atingir as finalidades da pesquisa na Universidade?
- III. Como esta acontecendo a relação entre ensino e pesquisa no curso de História?
- IV. Quais são os marcos teóricos e institucionais que orientam sua prática de ensino e pesquisa no curso?
- V. Você participa das linhas de pesquisa do curso de História?
- VI. Qual o referencial teórico que orienta a linha de pesquisa que você participa?
- VII. Em sua linha de pesquisa existe a participação de alunos? Quantos? De que forma?
- VIII. Qual a contribuição que essa linha de pesquisa tem oferecido para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa no curso de História?

APÊNDICE D

LABORO: Excelência em Pós-Graduação
Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior

QUESTIONÁRIO PARA ALUNO

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

1. 1 – Sexo: _____

1. 2 – Idade: _____

1. 3 – Estado Civil: _____

1. 4 – Naturalidade: _____

1. 5 – Grupo Étnico: _____

1. 6 – Escolaridade: como você fez o Ensino Médio?

- Todo em Escola Pública () Todo em Escola Particular ()
- Parte em Escola Pública e parte e Particular ()

1. 7 – Em que modalidade de vestibular você ingressou no Curso:

- Tradicional () PSG () Sistema de Cotas ()

1. 8 – Você trabalha?

- Sim () Não ()

1. 9 – (Se a questão anterior for afirmativa) Onde você trabalha?**1. 10 – Qual sua renda?****1. 11 – Atividades exercidas fora de sala de aula ou representativas:**

- Monitoria () Extensão ()
- Programa de Iniciação Científica () Grupo de Pesquisa ()

- Diretório Acadêmico (DA) () Diretório Central (DCE) ()
- UNE () Outras Atividades: _____

1. 12 – Em que curso está matriculado:

- Bacharelado () Licenciatura ()

1. 13 – Você costuma participar dos Encontros, Conselhos e Seminários relacionados à área de História?

- Sim () Não ()
- Quais: _____

1. 14 – Quanto tempo após o término do Ensino Médio você ingressou na graduação:

- Até 2 anos () de 3 a 6 anos () de 7 a 10 anos ()
- + de 10 anos ()

2. INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS:

2. 1 – O fato da Licenciatura e do Bacharelado serem trabalhados juntos contribuiu para sua formação?

- Sim () Não ()
- Justifique: _____

2. 2 – O Curso contribuiu para?

- () O entendimento do sistema de ensino;
- () O conhecimento das dificuldades existentes no cotidiano da prática pedagógica;
- () O conhecimento das diversas tendências teóricas da Historiografia;
- () O domínio das técnicas e procedimentos de pesquisa.

2. 3 – Antes de ingressar no curso de História, você teve contato com a prática de pesquisa?

• Sim ()

Não ()

• Especificar: _____

2. 4 – Como discente do curso de História, você foi estimulado a utilizar a pesquisa como prática acadêmica?

• Sim ()

Não ()

APÊNDICE E

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ALUNOS

SOBRE O CURSO DE HISTÓRIA:

- I. Quais os motivos que influenciaram na sua escolha do curso de História como graduação?
- II. Quais suas expectativas profissionais após o término do curso?
- III. Até o momento, o curso tem atendido as suas expectativas? De que forma?
- IV. Você tem uma idéia de como está o mercado de trabalho para o profissional de História?
- V. O que você considera como o principal problema do curso de História?
- VI. Que propostas você sugere para a melhoria do ensino e da pesquisa no curso?

SOBRE O ENSINO NO CURSO DE HISTÓRIA:

- I. Como que geralmente são transmitidos os conteúdos nas salas de aula do curso?
- II. Você consegue perceber quais tendências orientam a prática pedagógica dos professores do curso de História?
- III. As estratégias de avaliação utilizadas pelos professores tem atendido as expectativas dos alunos em relação a aprendizagem?
- IV. A prática da pesquisa é estimulada na sala de aula pelos professores?

SOBRE A PESQUISA NO CURSO DE HISTÓRIA:

- I. O que você entende por pesquisa?
- II. Você tem conhecimento da aplicação dos métodos de pesquisa em História?
- III. Em que momentos durante o curso você teve maior contato com a pesquisa?
- IV. Você considera esses momentos suficientes para formar professores e pesquisadores autônomos e críticos?
- V. Você conhece o currículo do curso? De que maneira ele tem contribuído para a formação de futuros professores e pesquisadores?
- VI. Quais as disciplinas do curso estão mais diretamente ligadas à pesquisa? Essas disciplinas conseguem contribuir para a formação de professores e pesquisadores competentes?
- VII. Você participa de algum grupo de pesquisa realizada no curso? Qual? De que forma?

ANEXOS

REFERÊNCIA

- ANDRÉ, Marli E. D. A. de; Maria Rita S. Oliveira (org.) **Alternativas no ensino da didática**. 8. ed. Campinas-SP: Papirus, 2006.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia na prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- ALVES, Gilberto Luiz. **O trabalho didático na escola moderna: formas históricas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- Formação de professores: Pensar e fazer**. / Nilda Alves (org.); 10. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BARROS, José D' Assunção. **O Projeto de pesquisa em história da escolha do tema: ao quadro teórico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BEHRENS, Maria Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- CASTANHO, Sérgio. **Ensino com pesquisa na graduação**. In: Ilma P.A. Veiga; Marisa L. de P. Naves (org.) Currículo e avaliação na educação superior. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, p. 79-95, 2005.
- Como se faz a história**. / François Cadiou et al, Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 7. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- _____. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. 4. Ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2005.
- _____. **Pesquisa e Construção de Conhecimento**. 6. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 2004.
- _____. **Pesquisa: princípio científico educativo** 11. Ed. São Paulo, SP: Cortez 2005.
- Docência no ensino superior**./ Selma Garrido Pimenta, Lea das Graças Camargos Anastasiou. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- FARIA José Henrique. Universidade, produção científica e aderência social: indissociabilidade e a contra-reforma do ensino superior. **Universidade e Sociedade**, Brasília, ano 15, n. 35,p. 13-35, fev. 2005.
- Metodologia da pesquisa educacional**. FAZENDA, Ivani (Org.). São Paulo: Cortez, 2004.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. 9. ed. Campinas-SP: Papirus, 2006.

_____. **Didática e prática de ensino de história.** 6. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 27. ed. São Paulo-SP: Paz e Terra, 2003.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da educação brasileira.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, Valter Soares. **Formação de professores: Saberes, identificação e profissão.** 3. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2006.

História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas/ Leandro Karnal (orgs.). 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

KUHN, Thomas S.: **A estrutura das Revoluções Científicas,** 7E d. São Paulo; 1969.

LAMPERT, Ernâni. A globalização e os desafios da universidade pública. **Universidade e Sociedade,** Brasília, ano 7, n. 15, p.94-99, fev.1998.

MASETTO, Marcos Tarciso – **Competência Pedagógica do Professor Universitário** São Paulo-SP: Summus, 2003.

_____. **Docência na universidade.** 8. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2006.

MASSI, Cosme D. B.: Centro universitário: há lugar para a pesquisa? **Revista Estudos, ABMES,** n. 20, 2006.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa Social e ação pedagógica.** São Paulo: Loyola, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org). **Pesquisa social teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2004.

O ensino de História: revisão urgente. / Conceição Cabrini... [et al.]; São Paulo: Brasiliense, 2004.

O ensino de História e seu currículo: teoria e método/ Geraldo Baulduíno Horn, Geysa Dongley Germinari. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis: Vozes, 2007.

O professor e a pesquisa/ Menga Ludke...[et al.]; 3. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2004.

Pedagogia universitária: a aula em foco. / Ilma Passos Alencastro Veiga, Maria Eugênia L.M. Castanho (orgs). Campinas-SP: Papyrus, 2000.

PINHEIRO, Milton. Fragmentos para uma práxis da universidade cidadã. **Universidade e Sociedade.** Brasília, ano X, n.23, p.160-164, fev. 2001.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: A inovação em história.** São Paulo. Paz e Terra, 2000.

Repensando o ensino de história. / Sônia Leite Nikitiuk (org.) – 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SALUM, Maria Josefina Leuba. Defesa da universidade pública: a responsabilidade em construir novas sociabilidades, educação, saúde e enfermagem. **Universidade Sociedade**, Brasília, ano X, n. 23, p.173-183, fev., 2001.

SAVIANI, Demerval. **Da nova LDB ao novo plano nacional de educação: Por uma outra política educacional**, 4.ed.São Paulo:Autores Associados, 2002.

SILVA, MARCOS A. da. **O prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

STENHOUSE, Lawrence. **An introduction to curriculum research and development**. Heinemann, 1986.

TÉTART, Philippe. **Pequena história dos historiadores**. Bauru,SP: EDUSC, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Histórico da UFMA**. São Luís, Ma. Disponível em: ≤ site ≥. Acesso em: 20 jan. 2009.

VASCONCELOS, Maria Lúcia. **Ensinar e aprender no ensino superior**. 2. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2005.

VÍCTORA, Ceres Gomes. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

Souza Neto, Hélio Marinho de.

A pesquisa como princípio educativo no Curso de História: entre o real e o ideal na prática pedagógica universitária. Hélio Marinho de Souza Neto; José Ribamar Portela e Silva; Rogério Ferreira Oliveira. - São Luís, 2009.

52f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior) – Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior, LABORO - Excelência em Pós-Graduação, Universidade Estácio de Sá, 2009.

1. Pesquisa. 2. Ensino superior. 3. História. Título.

CDU 37:1